

*Lucas Tavares, ex-oratoriano, é um jansenista assumido, seguidor e herdeiro doutrinal do Padre António Pereira de Figueiredo. Acusado de jansenista não o nega: “se vós lhe chamais jansenista porque sustenta com Santo Agostinho e com toda a Igreja a predestinação gratuita, a graça eficaz por si mesma, porque nega o estado de natureza pura e outras impiedades de Molina dizeis uma verdade”...*

*A Apologia sobre a Graça de Mr. Feydeau é a defesa de um catecismo jansenista do século XVII. Neste texto de Lucas Tavares há influências do jansenismo italiano.*

## **Apologia do Catecismo sobre a Graça de Mr. Feydeau por Lucas Tavares (Anno 1817)**

Saiu a luz traduzido em vulgar o Catecismo sobre a Graça de Mr. Feydeau. Todos os Portugueses que amam a verdade disseram, ó Teófilo, ser este um dos presentes mais ricos que podíamos oferecer a nossa Pátria: mas como a Celeste Doutrina da Graça foi sempre a que mais irritou a soberba humana, não é de admirar que de quando em quando apareçam espíritos soberbos para combatê-la. Agora já em diversas partes soa o terrível clamor de um e outro sexo contra este aúreo Opúsculo, contra o Censor, que o licenciou, contra o Agente, que promoveu a sua edição. Que farei eu? Não farei caso dos clamores femininos, porque não é uma Catarina de Alexandria, que disputava e convencia os Filósofos; não uma Hypacia, de quem Synesio, Bispo de Ptolomaida, se gloriava ter sido discípulo; não alguma dessas sábias mulheres da Escola Alexandrina, as que clamam contra Feydeau e o Censor. Consta-me que aquelas que nada sabem da História da Igreja, nem meditaram nunca as Divinas Escrituras, são as que murmuram do Catecismo: seria pois perder o tempo se intentasse defender o altíssimo Mistério da Graça e da Predestinação dos Santos com armas que elas não conhecem, nem sabem manejar. Lembra-me além disto que venerando a Igreja muitas como Virgens, outras como Mártires, outras enfim como Santas mulheres, nunca venerou nenhuma como Doutora; nunca as consultou nas controvérsias da Religião; nunca as admitiu nos Concílios Ecuménicos. Vimos no Concílio Geral de Niceia muitos leigos disputando e promovendo a causa da Igreja; mulheres porem não vimos; nem S. Paulo o consentiria, porque nem nas assembleias particulares queria que elas falassem: Mulieres in ecclesiis taceant 1.<sup>a</sup> ad Corinth. Cap. 14, v.34.

O mesmo Apóstolo escrevendo a Timóteo, diz: Não permito à mulher o ensinar; deve estar em silêncio; ela é que foi seduzida e a primeira que pecou 1.<sup>a</sup> ad Thimoth cap. 2, v.12. Com estas palavras quis o Doutor das Gentes não só mostrar-lhes a fraqueza do seu sexo, mas contê-las nos limites da humildade cristã. E quantos males, ó Teófilo, tem elas causado à Igreja todas as vezes que, desprezando este saudável avizo do Espírito Santo, se intrometeram nas materias da Religião.

Não falo da fanática Burigonia, que persuadiu ao sábio Pedro Poiret que o nosso Pai Adão tivera ambos os sexos, e que era ao mesmo tempo masculino e feminino. Não de Juliana de Asseburg, que não contente de fingir êxtases, affectava também revelações a respeito do Reino Milenário. Estas extravagâncias fazem rir; mas não faz rir o que agora vou a dizer: Duas velhas, Maximila e Priscila arrastaram à heresia dos Montanistas o grande Tertuliano que era a brilhante luz da florentíssima Igreja Africana.

A Madame de Guion foi causa de que o pio Fenelon caísse no erro dos Quietistas. Já a Matrona Lucila no 4.<sup>o</sup> século tinha excitado uma cruel perseguição contra o Bispo Ceciliano, porque sendo este ainda Diácono a reprendera de oscular antes da comunhão a cabeça de um falso Mártir. E que direi eu da Madre de Agreda cujas revelações tantos trabalhos causaram ao bom Teólogo Eusébio Amort? Que direi de Maria dos Vales, cuja vida escrita pelo Padre Eudes está cheia não só de frioleiras, mas de blasfemias e impiedades?

Que direi de Margarida ou Maria de Alacoque que me ia fazendo cair na heresia de adorar o Coração carneo de Jesu Cristo separado da Pessoa Divina? Que nos fez, digo, cair na heresia de dividirmos Cristo em dois, ensinando-nos a adorar o seu Coração carneo separado da Pessoa Divina? Se me disserem que já uma santa mulher cristã, sendo captiva, foi o Apóstolo dos Povos da Ibéria responderei que ela obrou esta portentosa maravilha, não por força de raciocínios e argumentos, mas pelos milagres e pureza da sua vida.

Não quero todavia dizer com isto que as mulheres não tem grandes talentos. Ingenuamente confesso que elas são mui hábeis, não só para as Artes que nasceram no seio da abundância e do prazer tais como a Dança, a Musica, a Pintura, a Poesia, mas até para a Arte Militar, que é a que parece menos compatível com o sexo feminino: admiro somente que sendo as mulheres mui aptas para toda a sorte de Artes e ciências nuca fizessem progressos na Ciência da Religião. Eis aqui porém o que não devia admirar-me, porque, se os Teólogos, lendo as Escrituras nas Línguas originaes, ainda assim tem dito tantos erros, que muito é que os diga uma mulher, que nem na língua vulgar a pode ler!

Oh século desgraçado em que as nossas donzelas, para lerem Novelas Francesas e entremezes, não necessitam licença de ninguém, e para lerem a

Sagrada Escritura em vulgar, aprovada pelos nossos Bispos, necessitam de licença Apostólica, dada em latim, e dirigida ao discreto Confessor! As Novelas de ordinário não contêm senão enredos amorosos por não dizer obscenidades que pervertem os costumes! A Sagrada Escritura inspirada pelo Espírito Santo, é, diz S. Paulo, útil para ensinar, arguir, repreender, e instruir na santidade, afim de que o homem de Deus seja perfeito e preparado para toda a sorte de obras boas: 2.<sup>a</sup> ad Timoth. cap. 3, v.16.

Porém dizem alguns Teólogos: A Sagrada Escritura é escura e não é para mulheres nem crianças, que tem a cabeça fraca. Mas S. Gregório Magno escrevendo a S. Leandro, compara a Escritura a um rio plano e profundo, por que anda um cordeiro e nada um elefante. Por este rio plano e profundo andou Timóteo desde a sua infância: Et quia ab infantia sacras litteras nosti, quae te possunt instruere ad salutem. Neste rio profundo andou Santa Irene. Três vezes no ano atravessava este pélagos profundo Santa Melania; e foi maravilha que nenhum deles se afogou.

Outros dizem: a Sagrada Escritura em vulgar está proibida pela quarta Regra do Índice. Estes Senhores porém não advertem que a quarta Regra do Índice não é lei da Igreja, nem foi adoptada por ela; e por isso não sendo lei da Igreja, nem as mulheres nem as crianças necessitam de licença ou dispensa para ler a Escritura.

Mas instam os inimigos da verdade e dizem: O Santo Padre Clemente II na sua bula Unigenitus condenou como herética a Proposição 79 do P.e Quesnel, na qual diz: e útil e necessário em todos os tempos, em todos os lugares e a toda a sorte de pessoas estudar a Sagrada Escritura e conhecer o espírito, a piedade, e os Mistérios. Por não estar agora a narrar como desta bula apelaram logo quatro Bispos, aos quais se juntaram depois dezanove e mais de dois mil Teólogos de diversas Universidades; por não gastar tempo em mostra que Clemente II pela sua bula Unigenitus condenou as verdades mais puras da nossa Santa Religião, que os Santos Padres com tanto desvelo nos ensinaram basta dizer que o Santo Padre Pio 6.<sup>o</sup> no seu Breve ao Abade Martini, depois Arcebispo de Florença, louvando a sua óptima tradução da Bíblia, diz que a Sagrada escritura traduzida em vulgar é uma fonte copiosíssima que deve estar aberta para todos.

E quantos males, ó Teófilo, tem causado às mulheres o serem proibidas de lerem a Sagrada Escritura? Elas, o Céu me é testemunha, não crêm o que Deus disse; e são mui fáceis em crer o que Deus não disse. Elas não podem crer que vão direitos para o inferno para sempre os meninos que morrem sem Baptismo ou que não foram martirizados por amor de Jesus Cristo. Não podem crer que o número dos que se salvam é mui pequeno em comparação dos que se perdem; que Deus não quer salvar a todos: que nem a todos dá a sua Graça; que a outros,

dando-lhes a sua Graça e justificando-os não lhes dá a perseverança final. Abominam estas e outras verdades, que no seu Catecismo ensina Mr. Feydeau.

Mas crêm firmemente que houve uma santa mulher chamada Verónica; que Cristo indo para o Calvário caiu três vezes; que se encontrou com a Virgem sua Mãe na rua da amargura; que a senhora chorou muito e outras coisas mais que rezam na Via Sacra: porque ainda que os Evangelistas testemunhas oculares e os Santos Padres não digam nada disto, di-lo contudo a Madre de Agreda na sua Mystica Cidade de Deus que é hoje o Santo Padre do sexo feminino.

As mulheres crêm que visitando a Via Sacra ganham numas estações sete anos e outras tantas quarentenas de perdão; noutras indulgencia plenária; e na Estação 14 tiram uma alma do Purgatório. Mas para ganharem estas indulgencias é necessário que as cruces sejam colocadas por um Religioso Franciscano, de maneira que a primeira cruz deve estar distante da segunda vinte passos; a terceira deve estar arredada da segunda, oitenta passos; outras devem estar distantes cento e noventa e um passos; outras trezentos; mas se a casa não for tão grande como a Igreja de Belém poderá sem escrúpulo dispensar-se nestas miudezas.

As mulheres crêm que a Indulgencia de Porciuncula é um jubileu maior que o do Ano Santo, porque o da Porciuncula foi concedido imediatamente por Deus a S. Francisco, contanto que o Papa Honório o aprovasse, como segundo dizem, aprovou; o Jubileu do Ano Santo foi concedido pelo Papa Bonifácio 8.º que convidou os Povos de todas as nações a deixarem o serviço da sua Pátria, a educação de seus filhos, o cuidado da sua família, e o trabalho de suas mãos, que é a penitencia que Deus impôs a todo o homem, para irem a Roma ganhar esta santa Indulgencia. Por esta razão o Jubileu da Porciuncula é maior que o do Ano Santo, porque neste ganha-se somente uma Indulgencia; no da Porciuncula ganha-se tantas quantas vezes entrarmos e sairmos da igreja; é necessário entrarmos e sairmos para que uma Indulgencia não pegue com a outra, e depois haja confusão.

As mulheres crêm que sendo irmãs do Bentinho do Carmo não podem estar no Purgatorio, quando muito mais de sete dias, porque a Virgem do Carmo em virtude da bula Sabatina desce todos os Sábados ao Purgatório, não sei se de manhã se de tarde, livrar as almas dos seus confrades. Oh se elas soubessem que para ganhar Indulgencias basta chamar um Religioso Carmelitano, como rezamos no Breviário a 16 de Julho! Se elas sim soubessem deste rico tesouro que tem em se dizer estas palavras, veríamos nós tantas almas tímidas e devotas, chorando a perda de tantas Indulgencias que podiam ganhar se trouxessem o rosário ao pescoço, e que não podem já trazer, porque é necessário andarem degotadas (sic) até aos peitos, e porque o Rosário não brilha tanto como os diamantes nem é tão rico como as pérolas?.

As mulheres crêem comigo e com a Igreja católica que as imagens são muito úteis, não só para avivarem a lembrança dos originais que estão no céu mas para nos incitarem também a imitarmos suas virtudes, que é no que consiste a principal parte do culto dos Santos; porém elas crêem mais do que eu, miserável pecador, porque crêem que o Senhor dos Passos da Graça é mais milagroso que o Senhor dos Passos de Belém e que Santo António em casa do Pontana das Pedreiras em Alcântara faz agora mais milagres do que fazia na freguesia de S. Pedro.

As mulheres crêem que agrada mais a Deus a cor parda do que a encarnada; e por isso fazem voto de andarem um ano vestidas ao Carmo, o qual voto sendo de meliori voto o julgo tão válido que nem pela bula cruzada o comutarei sem haver uma causa muito justa. Elas crêem também que dá mais glória a Deus com darem ao Menino Deus um vestido de seda bordado de ouro do que uma veste de Saragoça a um pobre que anda tremendo de frio. E para que não esteja a cansar-te mais, ó Teófilo, as mulheres crêem que Santa Luzia é advogada dos olhos; Santa Apolónia, dos dentes; S. Brás, da garganta; Santo Amaro, das pernas; Santa Quitéria, dos cães danados; Santo António, das coisas perdidas; S. Bento, das aranhas; e se alguém não crê que uma campainha vinda de Roma em tenindo afugenta os raios e os coriscos é logo jansenista, ou herege, que para elas é tudo o mesmo.

Eu seria para elas um Santo, se lhes dissesse que o Credo não é tão bom como o Acto de Fé que vem no Catecismo; e que o Padre Nosso não é tão admirável como o Acto de Esperança do mesmo Catecismo, no qual dizem que se hão-de salvar fazendo elas da sua parte o que Deus manda: que elas falam muita verdade quando no Acto de Caridade dizem: amo-vos meu Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo. Eu seria para elas um Servo de Deus, se lhes dissesse, comam bem e saltem melhor pelo Entrudo, porque a gula é grande preparação para o jejum da Quaresma e a dissolução dispõe-nos admiravelmente para celebrarmos a Paixão e Morte de Jesus Cristo.

Eu seria para elas um Atleta do cristianismo se lhes dissesse que fossem ver serrar a Velha nesta noite em que os Primitivos cristãos iam à Igreja de S. Cosme e Damião pedir a Deus forças para continuarem o jejum. E que louvores me cantariam elas, se eu lhes dissesse: estejam na cama até ao meio dia, dêem um passeio na sege jantes do jantar, comam esplendidamente, e para recrearem o espírito deste grande trabalho, à noite vão à Opera: mas como temo a Deus, digo-lhes o contrário de tudo isto, ainda que me chamem jansenista, herege, ímpio, ateu, lembrado de que a Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo a Eterna Verdade, chamaram impostor.

Isto posto, dize -me, ó Teófilo, se uma gente tão fanática, tão supersticiosa, tão cheia de prejuízos, cuja ciência religiosa quando muito não passa do Catecismo, é capaz de combater a celeste doutrina de Feydeau? Ou se eu devia despendar tempo em argumentos para convencer esta gente? Dirás que não; mas que as Senhoras mereciam uma resposta mais seria e respeitosa. Louvo a tua delicadeza, mas esta não tem lugar quando se trata da Religião. Há certas coisas, diz Santo Agostinho, que o melhor modo de refutá-las é escarnece-las por caridade para que os outros vendo que são dignas de desprezo fujam delas: Haec tu misericorditer irride; ut eis irridenda, et fugienda commendes: Contr. Faust. Lib.15, cap. 4.º O mesmo Santo o praticou com certos monges tão ociosos, que não queriam ocupar-se em coisa nenhuma: An ita vacandum est ut nec tonsores operantur? Será tanta a vossa ociosidade, que nem consentais que os barbeiros vos façam a barba? De Oper. Monach. cap. 31. Assim o praticou S. Bernardo com o monge Adam, que rendia ao seu Superior uma obediência cega: O Monge obedientíssimo, a quem não escapa um só iota de qualquer palavrinha do seu Superior! Epist. 7. Assim o praticou o profeta Elias com os Sacerdotes de Baal: Gritai mais alto pode ser que o vosso Deus esteja a dormir. Até Deus usou de ironia quando disse .Eis aqui Adam feito como um de nós sabendo o bem e o mal; mas porque não suceda que ele coma do fruto da Árvore da Vida e viva eternamente, etc. Gen. cap. 3.º, v.22. Mas ai de mim, ó Teófilo! Os Santos obravam com fim recto; o meu pode ser torcido. Por me livrar de escrúpulos falarei seriamente sobretudo agora que vou responder aos Teólogos.

Que dizem eles? Uns dizem que no Catecismo há uma Proposição que já foi condenada em Baio; outros, que nele tudo respira Jansenismo; outros que ele está cheio de heresias. Que diremos nós? Diremos com todo o respeito, que estes Senhores, que assim falam ou não sabem a história deste Catecismo, ou não estão muito certos na Santa Fé que devem professar. Quanto à história, foi Mr. Feydeau Doutor de Sorbona, Teologal de S. Paulo na Diocese de Alet, depois cura de Vitri, e ultimamente Teologal de Beauvais. Este Teólogo, que morreu em odor de santidade, compôs esta excelente obra a rogos de Mr. Le Favre de Caumartin, Bispo de Amiens, o qual a aprovou e fez imprimir para instrução do povo e do seu Clero. Este Catecismo foi aprovado pelo arcebispo de Paris, e por mais de trinta Doutores de Sorbona; dele se fizeram no mesmo ano de 1650 duas edições. O grande António Arnauld o defendeu das intrigas dos Jesuítas que não podiam sofrer que a antiga Doutrina da igreja triunfasse da ímpia novidade do Molinismo.

Este Catecismo foi aprovado pelo Sr. Boonen, Arcebispo de Malinas; toda a Faculdade de Lovaina não só o aprovou, mas mandou traduzir em Flamengo e imprimir em Gand, com um prefácio no qual se lhe faz o elogio, que merece: ao

mesmo tempo que no Catecismo que o Jesuíta L'Hermite tinha feito contra o de Mr. Feydeau, os mesmos Teólogos condenaram quinze Proposições, de ímpias, erróneas, contrárias à Sagrada Escritura, aos Concílios, e aos Santos Padres: o que tudo pode ver-se nas Obras de Arnauld, tomo 17 impressas em Paris, ano 1778.

Este Catecismo foi traduzido em italiano, e vem inserido no tomo 8 da Raccolta di Opuscoli interessanti la Religione. É verdade que catorze Bispos da Itália o denunciaram ao Grão Duque de Toscana: o mais que podemos dizer em defesa destes Bispos é que eles não leram a denuncia que subscreveram; respondeu-se-lhes solidamente; e esta Resposta ou Apologia poderão os curiosos ver no tomo 7.º das Actas de Florença. Este Catecismo foi traduzido em português por um Teólogo da Universidade de Coimbra; adicionado e ilustrado com as Orações da Igreja por um Pároco do mesmo Bispado. Viu este digno Sacerdote que as Orações da igreja são o maior argumento da verdade, porque ela não pode levantar a voz a seu Esposo para pedir-lhe mentiras.

Vários Párcos e Teólogos deste Reino reconhecem neste Catecismo a doutrina da Igreja Lusitana, que não é outra senão a da Igreja Universal, como mostrou o sábio António Alvares da Congregação do Oratório nas Teses que dedicou ao Ex.mo Bispo Titular do Algarve, hoje Inquisidor Geral deste Reino.

Isto posto, seja-me lícito perguntar aos nossos Teólogos se o Censor da Impressão Regia, obrigado a licenciar novelas francesas, que não contêm senão enredos amorosos que fazem rir, mas que não instruem a Nação, podia sem ofender a Deus negar a licença ao Catecismo de Feydeau, adoptado em França, na Itália, e Alemanha, aprovado por tantos Bispos e Teólogos de Sorbona, deste Reino, e por toda a Universidade de Lovaina.

Pergunto aos nossos Políticos se causará algum dano ao Estado saber o Povo cristão que todos os homens estão inficionados da culpa original; que esta culpa foi a causa da ignorância que lhes cega o entendimento, e da concupiscência, que lhes deprava a vontade? Que só a Graça medicinal de Jesus Cristo pode remediar este mal, e reparar em nós a imagem de Deus assombrada e desfiguradada pelo pecado de Adão? Se pode temer-se alguma concussão política da doutrina de Feydeau, que não é senão a que S. Paulo pregou aos Povos? Que custou ao grande Agostinho mais de vinte anos de luta com os Pelagianos e Semipelagianos? Que os Celestinos, os Prósperos e os Fulgencios tão briosamente defenderam? E que a Santa Igreja jamais consentirá que se lhe furte do Sagrado Depósito da Fé que Deus por seu Filho Jesus Cristo lhe confiou? Enquanto se espera a Resposta, que não pode ser senão um quinto Evangelho, que lisongeia a soberba humana, mostrarei que os que impugnaram o Catecismo de Feydeau não estão muito certos na Fé que devem professar. Primeiramente responderei a objecções vagas, depois

a outras particulares, que um amigo meu que eu sinceramente respeito, se dignou de enviar-me.

### **Objecção 1.<sup>a</sup>**

O Censor da Impressão Regia é acusado de Jansenista

Resposta

Se vós lhe chamais Jansenista porque sustenta com Santo Agostinho e com toda a Igreja a Predestinação gratuita, a graça eficaz por si mesma, porque nega o estado de natureza pura e outras impiedades de Molina dizeis uma verdade. Se lhe chamais Jansenista porque defende no sentido herético algumas das cinco Proposições que o Ex- jesuíta Cornet fabricou em sua casa, e falsamente atribuiu depois ao Santo Bispo de Ypres, Jansenio, dizeis uma calúnia a qual o Censor de boamente vos perdoará, atendendo ao vosso pouco saber. Lede o Tratado Spectrum Jansenismi do Sr. José Conde de Spaw, Bispo e Príncipe de Brischen, o qual foi aplaudido na Alemanha, reimpresso na Holanda e traduzido na Itália. Lede a Carta de Mr. Mont- Guillarde, Bispo de S. Poncio, ao Santo Padre Inocência 11 e a Resposta deste Pontífice ao mesmo Bispo. Lede o Breve de Inocência 12 aos Bispos da Flandres em 6 de Janeiro de 1694. Lede a Encíclica do Padre Vasques, Geral dos Eremitas de Santo Agostinho, em 1779, publicada em Roma com a aprovação do Santo Padre Pio 6.<sup>o</sup> Se lerdes algum destes Opúsculos ficareis não só convencidos da injustiça com que arguístes o Censor, mas envergonhados de lhe chamardes Jansenista no mesmo sentido que as mulheres chamam aos que não condescendem com as suas opiniões.

### **Objecção 2.<sup>a</sup>**

Os Teólogos clamam que em Feydeau há uma Proposição de Baio condenada pela bula de S. Pio 5.<sup>o</sup>

Resposta

Não podemos apesar das nossas diligencias saber que Proposição Baiana é esta, que os nossos Teólogos criminam; só se é aquela que os catorze Bispos da Itália denunciaram na sua Memória ao Gram Duque de Toscana. A Proposição é que a ignorância dos Preceitos naturais não escusa de pecado. Mas é maravilha que nem os nossos Teólogos, nem tantos Bispos soubessem que a Proposição de Baio é uma verdade tantas vezes repetida na Sagrada Escritura, como eu vou a mostrar.

Deus na antiga Lei tinha ordenado sacrifícios para expiar os pecados da ignorância: Levit. Cap. 4.v.2 e 17, e nos Num. Cap. 15, v.22. David no Psalm. 24 pede a Deus que não se lembre das suas ignorâncias; no Psalm. 28 que o

purifique dos seus pecados ocultos; no Psalm.78.diz: derrama tua ira sobre aqueles que não te conhecerão. O mesmo diz Jeremias, cap. 10, v.25. Passemos ao Novo Testamento. Aquele que não conheceu a vontade de seu Senhor, e fez cousas dignas de castigo, será menos castigado. Luc. Cap.12,v.48. O mesmo Salvador na cruz pede perdão a seu Pai para os que o crucificaram, porque não sabião o que fazião. Luc. Cap.23 v. 34. S. Pedro: Eu sei, meus irmãos, que por ignorância fizestes morrer o Autor da vida: Arrependei-vos Act. Cap.3, v. 17. De que deviam arrepender-se se eles não tivessem pecado? S. Paulo: Eu, que antes fui perseguidor blasfemo e contumelioso, consegui misericordia, porque obrei por ignorância, como quem ainda não tinha a Fé. Timoth, cap. 1.º v. 13. Que perdoou Deus a S. Paulo senão os pecados de ignorância? Quia ignorans feci in incredulitate. Parece impossível que tantos Bispos e Teólogos ignorassem tantos lugares expressos da Escritura: Parece impossível que eles aprovassem o erro de Celestio e que Pelágio condenou ainda que fingidamente no Concílio de Dioscorides na Palestina. Parece impossível que não lessem a Epistola 194, n.º 25 de Santo Agostinho na qual diz: A ignorância naqueles que não quiseram entender, é sem dúvida pecado; naqueles que não puderam, a ignorância é pena de pecado: mas isto não os desculpa: Ergo in utrisque non est justa excusatio, sed justa damnatio. Isto posto, que julgaremos nós dos catorze Bispos da Itália que condenaram em Baio como erro uma verdade divina? Julgaremos que eles não leram a Memória que subscreveram; pois não é crível que o Sr. Martini, Arcebispo de Florença, na frente de dois Arcebispos e onze Bispos negasse muitas coisas que na sua excelente tradução da Bíblia tinha confessado. Deixemos porem já os Bispos da Itália, para apostrofarmos aos nossos Teólogos. Oh vós, meus Senhores, que opondes ao Censor a bula dogmática de S. Pio 5.º contra Baio: que argumento podeis vós tirar desta bula? Todo o mundo sabe que ela é ilegal e de uma afectada escuridade: é ilegal porque não foi publicada, nem ao menos afixada no Campo de Flora, que é o que talvez bastaria para os Ultramontanos; não foi comunicada às Igrejas particulares nem impressa no tempo de S. Pio 5.º O Cardeal de Granvelle, encarregado de a comunicar aos Teólogos de Lovaina, tinha instruções secretas de Roma para não mostrá-la, nem deixar copiá-la, mas remeter-lhes somente o extracto das Proposições que o Papa condenava. O mesmo Baio requerendo vê-la, como parte interessada, não pôde consegui-lo. O recato com que clandestinamente se procedia neste negocio, fez suspeitar a muitos lovainienses que tal bula não existiu. Doze anos depois, Gregório 13 lhes desfez esta suspeita, mandando-lhes a de S. Pio 5.º sem pontos nem virgulas, junta com a sua Provisionis nostrae, a qual foi feita em 1578, mas nunca promulgada; e Urbano 8.º, quase oitenta anos depois, pela bula In eminenti não só certificou ser ela de S. Pio 5.º, mas aprovou-a e confirmou-a.

Esta bula de Urbano 8.º fez época nos Anais Eclesiásticos, não só pelas dificuldades que teve na sua publicação; não só pelas perturbações que excitou na Igreja depois de publicada, mas porque Urbano 8.º alterou as expressões de S. Pio 5.º Albizzi falsifica a de Urbano 8.º, e o Núncio Fabio Chigi corrompe ambas quando lhe chegaram à mão. Se quereis saber a história de Baio lede Fleury, ano de 1567. Se quereis saber as nulidades de Urbano 8.º lede Arnauld, tomo 16, pag. 10. Se quereis saber toda a intriga que urdiram os inimigos da verdade e da inocência, lede Dissertation sur les Bulles contre Baius, impressa em Utrac(sic) no ano de 1737. Nesta Dissertação vereis a falsificação das datas, a mudança das virgulas, a condenação de Obras que ainda não tinham visto a luz publica, o nome de Jansenismo inserido por Albizzi às escondidas do Papa, em vários Autores condenados, e outras manobras que dão assunto para muitas comedias e tragedias, porque umas são dignas de riso, e outras de sentidas lágrimas.

Mas lancemos outra vez os olhos à bula de S. Pio 5.º, se é que eles podem ver alguma coisa no meio de tão tenebrosa escuridade. O Santo Padre condena 76, ou segundo outra divisão 79, Proposições como heréticas, outras erróneas, outras escandalosas, etc. e sem nos dizer por que são heréticas, ou erróneas, acrescenta este enigma que ainda até agora se não pôde decidir. Diz a Bula: Quamquam nonnulla aliquo pacto sustineri possint, in rigore, et proprio verborum sensu, ab assertoribus intento etc.

Disputam os Teólogos se a virgula deve pôr-se depois de possint, ou depois de intento. Gregório 13 mandou a Lovaina pelo Jesuíta Tolet, depois Cardeal, um exemplar sem pontos nem virgulas nem distinção de capítulos talvez para que agora tivésseis a liberdade de virgulá-la como quizerdes; mas vede bem aonde pondeis a virgula; porque se pondeis depois de possint, nem todas as Proposições de Baio são condenadas; se a pondeis depois de intento, todas são condenadas.

Se nem todas são condenadas, nem vós sabeis quais o são, porque o Papa não se declara: como vos atreveis vós a dizer em publico que no Catecismo de Feydeau há uma Proposição de Baio condenada pelo Papa? Se todas são condenadas, então condenou S. Pio 5.º muitas verdades que a Igreja tem ensinado sempre. Não falo da Proposição que há pouco defendemos contra os catorze Bispos da Itália, falo da Proposição 26, em que Baio afirma que o livre arbítrio sem o socorro da Graça não tem força senão para pecar. Se esta Proposição é condenada, condenou o Papa a Santo Agostinho, S. Celestino, Santo Inocência, e a toda a Igreja.

A Proposição 38 de Baio é: Todo o amor da criatura racional é ou concupiscência viciosa pela qual se ama o mundo e que S. João proíbe, ou esta louvável caridade que o Espírito Santo difunde nos nossos corações pela qual se ama a Deus. Se esta Proposição é herética, foram hereges Santo Agostinho, S.

Fulgencio, S. Leão, S. Gregorio Magno e outros Santos Padres que disseram o mesmo. Eis aqui por que vos dissemos que não estáveis muito certos na Fé que deveis professar e que nenhum argumento podeis tirar da Bula de Baio contra Feydeau, nem contra o Censor. Se nos disserdes, Baio sujeitou-se à Bula e abjurou os seus erros, responderei: Baio abjurou erros a verdades, porque a maior parte delas são católicas: Baio abjurou sem ler a Bula, sem ser ouvido, sem ser julgado canonicamente: abjurou forçado por Morillon, Vigário Geral do Cardeal Granvelle; aterrado com censuras e irregularidades, dizendo-lhe que enquanto se não metesse debaixo dos pés do Papa e se sujeitasse ao seu juízo, ainda que fosse errado, nunca o absolveria. O tal Morillon estava bem instruído na Teologia de Belarmino, o qual diz: se o Papa errar mandando os vícios e proibindo as virtudes, a Igreja se não quiser pecar contra a sua consciência, está obrigada a crer que os vícios são bons, e as virtudes más. Oh Céus! Quantas blasfêmias, em tão poucas palavras! O Papa tem poder de proibir a virtude, a Igreja tem obrigação de crer que o vício é bem, a igreja pode pecar! Mas o que mais nos faz rir é a incoerência de Belarmino que afirmando a infalibilidade do Papa, confessa que ele pode errar. Vid. Belarm. tomo 1.º Liv.4.º Rom. Pontif. Cap.5.

Refutadas as objecções vagas, passemos a responder ao Sr.Conego Botelho. Os pontos mais principais que temos de ventilar são:

Se Cristo morreu por todos; se Deus quer salvar a todos, ou somente aos predestinados; se a predestinação dos Santos é ante previsa merita; se os meninos sem o Baptismo ou o Martírio se salvam pelo desejo que a Igreja tem de os salvar.

### 1.ª Questão: Cristo morreu por todos?

Resposta

S. Paulo afirma que Cristo morreu por todos; Fausto de Riez e os mais semipelagianos afirmam o mesmo; não obstante a Igreja recebe a doutrina de S. Paulo como oriunda do Espírito Santo e reprova a dos hereges Semipelagianos.

Jansenio diz que é Semipelagianismo dizer que Cristo morreu por todos. O Papa condena de herética esta Proposição que é a quinta das condenadas. O Senhor Cónego e muitas pessoas de piedade não podem ouvir dizer que Cristo não morreu por todos, e os Santos Padres abertamente o estão dizendo e ensinando.

Santo Agostinho diz que Cristo não morreu senão pela sua Igreja, Tract. 5. in Epist. Joan. n.º 9. S. Jerónimo diz que Cristo não morreu para remir todos os homens, mas somente aos que quiserão crer: Comment. In Math. Cap.20.

O mesmo diz S. Justino: Apolog. 1 n.º 63. O mesmo diz S. João Crisóstomo: Hom.18 in Epist.1.ª ad Corint, n.º 20. O mesmo diz S. Leão: Serm. 62 de Passion. Dom. cap. 4.º. O mesmo diz S. Prudencio Bispo de Troyes. E por isso ainda que Eneas tinha sido eleito Bispo de Paris pelo Rei Carlos não quis consentir na sua eleição sem que confessasse primeiro que o sangue de Cristo foi derramado somente pelos que crêem, e não pelos infiéis. O mesmo disseram catorze Bispos e três Metropolitanos no terceiro concílio de Valença celebrado no ano de 855. Nós dizemos (são as suas palavras) que o preço do sangue de Jesus Cristo não foi dado senão àqueles que crêem nele.

Mas, o que é maior maravilha, é que o mesmo S. Paulo, que diz: Cristo morreu por todos, escrevendo aos Hebreus, diz: Cristo ofereceu-se uma só vez para apagar os pecados de muitos: diz muitos, mas não todos. Parece, pois, que os Santos Padres contradizem a S. Paulo e que S. Paulo se contradiz a si mesmo. Mas esta contradição desaparece se distinguirmos o preço do sangue de Cristo da aplicação deste sangue precioso: quanto ao preço, podemos dizer que morreu por todos, enquanto por ele ofereceu ao Eterno Pai uma salvação superabundante e capaz de satisfazer por todos; se atendermos à aplicação deste sangue, dizemos com verdade que não morreu por todos, porque nem a todos é comunicado o fruto da sua Morte.

Esta é a doutrina do Concílio Tridentino, quando diz que, ainda que Cristo morreu por todos, nem todos recebem o benefício da sua Morte, mas somente aqueles a quem é comunicado o merecimento da sua Paixão.

Esta é a fé católica que nós professamos e é um Semipelagianismo e uma heresia condenada pelos Concílios; pelo consenso unânime da Igreja dizer que Cristo morreu por todos os homens, com o desígnio de que todos, sem exceptuar nenhum, recebessem o fruto da sua Morte.

Tenho-me demorado algum tanto nesta matéria por segurar a verdadeira doutrina da Santa Igreja; porque para defender Feydeau, bastava apontar ao Sr. Conego o Catecismo Romano. Ad parochos, Part. 2.ª de Sacrament.Eucharist. n.º 24

## 2.ª Questão

Se Deus quer salvar todos os homens

Resposta

O Sr. Conego afirma: Eu nego; porque se Deus quer salvar todos os homens, por que são mais os que se perdem em comparação dos que se salvam? ou Deus quer salvá-los e não pode cumprir a sua vontade e, neste caso, não é Omnipotente; ou Deus quis salvá-los, e depois não quis, e mudou de vontade, e, então, não é

Imutável; mas tão herege é aquele que nega a Omnipotência Divina, como aquele que nega a sua Imutabilidade.

Jesus Cristo diz que o número daqueles a quem agradou ao Eterno Pai dar o Reino do Céu é muito pequeno: Nolite timere pusilus grex. Se não quis dar o Reino do Céu senão a poucos, é claro que não quis salvar a todos. O mesmo Jesus Cristo na Oração que dirigiu ao Pai, diz: Eu não rogo pelo mundo, mas por aqueles que Tu me deste, porque são teus. (Joan. Cap. 17, v.9.º) E depois, não só rogou pelos Apóstolos, mas também por aqueles que, pela pregação apostólica, haviam de crer nele. Se não roga senão por estes, é certo que não quer salvar os outros.

Ninguém pode salvar-se senão pela Graça de Jesus Cristo; mas é um dogma de Fé, que sendo esta Graça um dom gratuito, Deus nem a todos a concede; nega esta Graça aos Gentios, que deixa morrer na infidelidade; não se compadece dos hereges, que deixa morrer nas trevas da heresia; não se compadece dos cristãos, a quem não dá o precioso dom da perseverança. E todos estes, que são o maior número, se perdem, porque Deus não quis salvá-los.

O Senhor Cónego, parecendo-lhe dura esta verdade católica, expressa na Escritura, confessada pelos Santos Padres e Doutores, clama com S. Paulo: Deus quer salvar todos os homens: Omnes homines vult salvos fieri: 1.ª Ad Timoth. cap.2. v. 4.

Ao que responderei que este lugar do Apostolo não deve entender-se segundo Fausto de Riez e os Semipelagianos. Diziam eles que Deus queria salvar todos os homens, se eles quizerem. Si vellint, e nisto eram hereges, porque sujeitavam a vontade Omnipotente de Deus à vontade do homem; e faziam a Deus dependente da vontade do homem e não o homem de Deus: erro execrando, que o segundo concílio de Orange anatematizou. Can.4.

Mas se a Escritura deve ser entendida segundo o unânime consenso dos Padres, como para reprimir os engenhos petulantes ordenou o Concílio Tridentino, todos os que comentaram este texto do Apóstolo, entenderam a palavra Omnes somente dos Predestinados. Portanto, se é herege Mr. Feydeau, e o Censor que aprovou a sua doutrina é herege Santo Agostinho que disse o mesmo: Liv. 4 contra Julian. et alib.; é herege S. Fulgêncio: de Incarnat. et Grat. D. N. J. Christi; Epist.17; cap. 13. É herege S. Próspero: Epist ad Ruffinum. É herege o Autor do Livro intitulado Hyponosticon, Liv.6.º, cap. 8. É herético o concílio de Sardenha composto de mais de sessenta Bispos de África desterrados pelos Vândalos africanos. É herética a Igreja de Leão Bibliothec. Patr. Tomo 2, parte 1, cap. 3. É herege S Prudêncio Bispo de Troyes in Epist. Tract. Ad Archiep. Senens. É herege Santo

Tomás: 1.<sup>a</sup> Cart. quest.19. art.6. É herege Pedro Lombardo Liv. 1. distinc. 46. É herege Alexandre de Ales: Sum. quest. 36 de dif. Volunt. Div. .n. 2.

Mas nem Feydeau, nem o Censor, nem os Santos Padres erraram na Fé, afirmando que Deus não quer salvar todos os homens, mas somente os Predestinados. O Senhor Conego os julgaria com maior equidade, se não tivesse tanta compaixão do género humano, e se advertisse com S. Prospero, S. Fulgêncio e Santo Agostinho que, na Sagrada Escritura, quando se fala da Salvação ou da Redenção dos homens, os termos gerais Todos, Nenhuns, Ninguém, e outros semelhantes, não se devem tomar universalmente, mas num sentido restrito, e numa acepção particular, porque, como diz S. Prospero, na Ciência imudável de Deus, todo o mundo está já dividido em duas partes, cada uma das quais faz um todo separado e completo: os escolhidos fazem um mundo, os réprobos fazem outro mundo e por isso ou Deus fale dos bons ou fale dos maus fala como se não exceptuasse alguns dos homens: Sive de bonis sive de malis loquatur, ita unius partis meminit quasi neminem hominum pretermittat: S. Prosp. De Vocat. Gent. Liv. Cap.9. Esta a razão por que quando o Apóstolo diz : Todos são justificados e vivificados pela justiça de um só, não pode entender-se de todos os homens em geral, porque os gentios, não tendo nunca recebido o Baptismo, não foram nunca justificados: ad Rom. cap. 5 v.18. Quando o mesmo Apostolo diz: Deus fechou todos na incredulidade para compadecer-se de todos: todos são os Predestinados de quem o Senhor quis unicamente compadecer-se. Quando S. João diz: Jesus Cristo é Hóstia de propiciação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos pecados, mas pelos de todo o mundo: todo o mundo diz Santo Agostinho, são todos os fieis espalhados por todo o mundo. Agost. Tract. 5 in Epist. Joan. Quando o mesmo Evangelista diz: Deus ensinará a todos a irem a Jesus Cristo, não é por que todos venham mas porque nenhum vem, se ele o não ensinar. Parece todavia que S. Paulo favorece a opinião do Sr. Conego quando diz: Qui est Salvator omnium hominum, maxime fidelium: 1.<sup>a</sup> ad Timoth. cap. 4 v. 10. Mas o verdadeiro sentido é: Deus é Salvador de todos, quanto à vida presente, porque a todos dá a vida do corpo, a saúde, faz nascer o seu sol sobre justos e injustos, sobre todos espalha os dons da natureza; mas quanto à vida futura eterna, não é Salvador senão dos Predestinados. Assim interpreta S. Tomás este lugar do Apóstolo. Estio não só diz que este é o genuino sentido, se atendermos ao contexto do discurso de S. Paulo, mas afirma que assim o entendeu S. Tomás; Eucoménio, S. João Crisóstomo, Santo Agostinho, e o Comentário atribuído a Santo Ambrósio.

### 3.<sup>a</sup> Questão

Se Deus predestinou os Santos por causa das boas obras que eles haviam de fazer

Resposta

O Sr. Cónego assim o crê: mas não pode haver maior infelicidade do que abraçar o erro dos hereges Semipelagianos e deixar a Fé da Igreja Católica. Os Semipelagianos, como lêmos na Carta de S. Próspero a Santo Agostinho e na de Santo Agostinho a Sexto, cap. 8 num. 35, diziam que Deus predestinou os Santos, porque previu que eles haviam de corresponder à sua eleição; a Igreja, porém, ensinou sempre que Deus os predestinou somente pela sua Vontade e Misericórdia, toda pura e gratuita; que a Vocação, a Fé, a Justiça, Graça que produz as boas obras, a Perseverança final, a Glória, enfim, são efeitos e consequências deste Decreto absoluto e desta Vontade eficacíssima, pelo qual quis e decretou salvar esses felizes filhos de Adão, que ele se dignou escolher e separar da massa da perdição.

S. Fulgencio no Livro de Fide ad Patrum. cap. 35 afirma que a Predestinação gratuita é um Artigo de Fé que se deve crer firmemente, e de nenhuma sorte duvidar. E no fim do Livro da Encarnação e da Graça diz: Se alguém recusa crer a Predestinação independente dos merecimentos e morrer neste ímpio sentimento dá uma prova irrefragável de que ele não é do número dos Predestinados.

S. Prospero na Resposta 9 ad exurpt. ...diz: Combater a Predestinação gratuita e dependente só da divina Misericórdia, é ser sequaz dos mais atrevidos erros de Pelágio. E na carta a Rufino, cap. 11 afirma que negar que a Predestinação é conforme ao Decreto da divina Vontade, é uma impiedade tão grande, como é negar a mesma Graça divina. Santo Agostinho na sua Obra De Dono Perseverantiae, cap.18.num.48 afirma que ninguém pode disputar sem erro contra a predestinação que nós defendemos segundo as Santas Escrituras. No cap.20 num. 35 diz que a verdade desta Predestinação que nos hoje sustentamos com maior força contra os novos hereges, foi sempre um ponto de Fé da Igreja. E no cap. 23 diz: É evidente que a Predestinação que os novos hereges nos obrigam a sustentar presentemente com maior cuidado e aplicação, foi sempre um Artigo de Fé da Igreja de Jesus Cristo. O mesmo Santo Doutor diz: Que Deus escolhendo a Humanidade de Jesus Cristo para uni-la à Pessoa de seu Filho, nos deu o exemplo da predestinação gratuita, por que não tinha a Humanidade, ainda que pura merecimento nenhum antecedente para merecer esta inefável união com a do Verbo Eterno, todos os merecimentos que teve depois, procederam desta união hipostática pelo Mistério da Encarnação. Ora assim como a Humanidade de Jesus Cristo não se uniu eternamente à Pessoa do

Verbo pelos seus merecimentos, assim também os Santos não serão eternamente unidos a Jesus Cristo, Cabeça dos Predestinados pelos seus merecimentos, mas só pela sua pura Graça e Misericórdia. Com efeito que merecimentos tinham os Predestinados para merecerem esta Graça da Eleição? Eles eram todos pecadores, inficionados na culpa original e o objecto da cólera de Deus. Que merecimentos tiveram eles depois? Os que Deus lhes deu, os que Deus pela poderosa virtude da sua Graça obrou neles; porque Deus lá no ceo não coroa senão os puros dons da sua Graça e Misericórdia.

Outro argumento da predestinação gratuita é o dos meninos. O filho de um Gentio, sem seus pais o desejarem nem pretenderem é baptizado; salva-se; o filho de um católico apesar da piedade e diligência de seus pais morre antes do baptismo e perde-se. Tais acontecimentos não podem ser efeito do acaso, porque a Providencia Divina ordena todas as coisas de maneira que um cabelo não cairá da nossa cabeça sem a Vontade do Pai Celestial. Que diremos nós? Que Deus no filho gentio premiou merecimentos, que ele não tinha? Que no filho católico castiga pecados que ele ainda havia de fazer? Se tal dizemos somos ímpios e insultamos a justiça de Deus.

Outro argumento da Predestinação gratuita é o dos adultos. Há muitos na Igreja que são castos, sóbrios e fervorosos em servirem a Deus; depois, porem, caem na luxúria, na embriaguês, na impiedade e perdem-se; outros, correndo soltamente pelo caminho da iniquidade, arrependem-se e salvam-se; aqueles, a sua piedade e boas obras não mereceram o dom da Perseverança; estes, apesar dos seus vícios, conseguiram a Graça final. Por que razão o justo se torna pecador e o pecador se torna justo, senão porque Deus amou, escolheu e predestinou a um e aborreceu, reprovou e deixou na massa de perdição a outro? Podia eu corroborar a minha doutrina com a autoridade de muitos Teólogos, tais como Belarmino, Vitoria e outros, parece-me porem mais decisivo comparar a Teologia do Sr. Cónego com a Teologia de S. Paulo, advertindo primeiro que o S.r Conego é um homem cuja razão é, como a de todos, fraca e limitada; se Paulo é um Apostolo que foi arrebatado ao Céu para ouvir os segredos de Deus, e assistido do Espírito Santo para dizer-nos sem errar o que ouviu.

O senhor Conego diz: Que Deus predestinou os Santos, porque previu as boas obras que eles haviam de fazer: S. Paulo diz: que Deus nos livrou e salvou, não pelas nossas obras, non secundum opera nostra, mas pelo Decreto da sua Vontade, pela sua Graça, que nos foi dada em Jesus Cristo antes de todos os séculos. 2.<sup>a</sup> Ad Timoth. cap.1,v.9

O Sr. Conego diz: Que Deus nos predestinou porque viu que havíamos de ser Santos; S: Paulo diz: Que Deus predestinou-nos para que o fossemos: ut essemus Sancti. Ad Ephes. cap. 1 v.4. E no cap. 2 da mesma Epistola. v.10

diz: Que Deus foi quem nos preparou as boas obras para andarmos nelas: quae preparavit Deus ut in illis ambulemus.

Deus diz: Eu amei a Jacob e aborreci a Isau. O Sr. Conego dirá segundo a sua Teologia: Que Deus amou a Jacob porque previu as boas obras que ele havia de fazer; S. Paulo pelo contrário afirma que Deus amou a Jacob, não por causa das suas boas obras, non ex operibus, mas por causa da escolha que tinha feito de Jacob, e para que permanecesse firme e inconcusso o Divino Decreto da sua Eleição: ad Rom. cap.9 v.4 e 12.

S. Paulo para mais nos persuadir que a Predestinação é gratuita e independente das nossas obras, compara Deus com o oleiro; porque assim como este do mesmo barro vil faz vasos de honra e vasos que só servem para sórdidos usos, assim também, Deus, do mesmo género humano, inficionado todo pela culpa original, faz vasos de ira, preparados para a perdição, apta ad interitum, e vasos de Misericórdia, preparados para a Gloria; quae preparavit in gloriam. Ad Rom. cap. 9 v. 22 e 23.

Para mostrar enfim quanto o Senhor Conego está longe da verdade católica, peço-lhe que se digne reflectir nestas palavras do Santo Apostolo, as quais são tão claras que não necessitam de comentário. Deus, diz ele, tem salvado segundo a eleição da sua Graça um pequeno número de homens. Ora se isto é por Graça, não é por causa das boas obras; de outra sorte já a Graça não seria Graça: Ad Rom. cap.11 v. 5 e 6.

N.B. O Autor omitiu a 4.<sup>a</sup> questão- Se os meninos que morrem sem o Baptismo ou o Martírio se salvam pelo desejo que a Igreja tem de salvá-los, mas ele a trata na censura contra o P. Mestre Penela e no pequeno Folheto que agora imprimiu contra a Dissertação do Sr. Conego.



\*\*\*

### **Sorte dos meninos que morrem sem o baptismo e o problema da universalidade da salvação**

*O Cónego Botelho publica uma obra na qual defende que os meninos mortos sem baptismo e os gentios adultos se salvam na Fé e na caridade da Igreja. Intitulou-a A Salvação dos Inocentes. Lucas Tavares sai a rebatê-la e classifica-a de "infeliz". Só o baptismo pode resgatá-los da massa de perdição.*

Os Padres Le Plazze e Gravina abriram as doze portas de Jerusalém celeste aos gentios, herejes e maometanos, turcos e a todos finalmente contanto que não fossem jansenistas; o Sr. Cónego não é tão liberal; mas desejando aumentar o número dos predestinados, o qual fixo e decretado por Deus desde toda a eternidade já não pode crescer nem diminuir, abriu o céu somente aos justos e aos meninos e infieis negativos que morreram sem serem baptizados. A chave de ouro com que abriu o paraíso a estes infelizes é o seguinte silogismo. A Redenção por Jesus Cristo é um tesouro comum a todo o género humano, e só o não gozam os que o rejeitam por um acto positivo da sua vontade.

Nos meninos e nos infieis negativos não pode haver este acto positivo da sua vontade: aqueles por não terem uso da razão; estes porque nunca lhes foi pregado o Evangelho. Logo não é possível que estes sejam excluídos de uma Redenção ampla para todos.

Este silogismo é a chave do céu que o Sr. Botelho achou, aonde não sei; somente sei que ela nunca esteve depositada no tesouro da Fé, que se fechou pela morte dos Apóstolos. E com havia de estar no tesouro da Fé a heresia dos Semipelagianos que Sua Senhoria talvez por inadvertência ressuscita? Os Semipelagianos diziam o mesmo que o Sr. Cónego, que a propiciação do sangue de Cristo é oferecida a todos os homens sem excepção, e que todos podem salvar-se, se quiserem receber a Fé e recorrer ao Baptismo. Veja-se S. Próspero na Carta a Santo Agostinho.

Temos portanto dois erros execrandos do Sr. Cónego e dos Semipelagianos. O 1.º: Que o benefício da Redenção é comum ao género humano e amplo para todos; 2.º Que só se não salvam os que não querem esse benefício e que por um acto positivo de sua vontade o rejeitam. Que católico ouvindo isto não estremece? Porque antes que a morte de Cristo foi causa eficiente da Redenção dos homens é uma verdade católica que nós cremos e adoramos; que Cristo morreu pelos homens com o desígnio de salvar a todos e resgatá-los da massa de perdição é um erro contra a Fé, em que caiu Fausto de Riez, os Padres de Marselha e os Semipelagianos.

Por massa de perdição entende Santo Agostinho não só a malícia do pecado original, ou actual, mas também as suas penas e funestas consequências, como são a concupiscência, a perda de tantas Graças de Deus, a morte do corpo, a escravidão da alma debaixo do jugo da concupiscência, as trevas que cercam o entendimento, as quedas e recaídas e a condenação eterna; finalmente. Por Graça entende o Santo Doutor, não só a Fé, a oração, a penitência, a remissão dos pecados, a Caridade e as boas obras, mas também a perseverança final e a glória eterna, assim do corpo como da alma.

Isto posto, digo que nem os meninos nem os infiéis, ou negativos ou positivos, foram nunca resgatados da massa perdida e corrupta; porque nunca pelo Sacramento da Redenção lhes foi aplicado pela Igreja o Sangue de Jesus Cristo. Os mesmos baptizados a quem Deus não concedeu o dom da perseverança final não foram resgatados; enquanto perseveraram na inocência foram justos, segundo a sua justiça presente, como se explicam os Teólogos; eles, porém, não eram filhos de Deus segundo o decreto de sua vontade, *secundum propositum*.

É verdade que S. Paulo diz que Cristo se entregou (à morte) pela Redenção de todos, que morreu por todos, quer salvar a todos; mas se as Santas Escrituras não devem ser interpretadas pelo espírito particular de cada um, como querem os hereges, mas pelo unânime consenso dos SS. PP. segundo ordena o Tridentino: estes sábios Mestres do Cristianismo nos ensinam que na Sagrada Escritura quando o ESPÍRITO SANTO fala da salvação ou reprovação dos homens, os termos gerais, TODOS, NENHUM, e outros semelhantes, não se devem tomar universalmente.

\*\*\*

Segundo esta regra dos SS. PP. ficamos entendendo que quando S. Paulo diz que Cristo morreu por todos, somente quis dizer que Cristo, como médico celeste, preparou o remédio para todos, mas não quis dizer que todos se aproveitariam desta saudável medicina. Quando o mesmo Apóstolo diz que Cristo se entregou pela Redenção de todos, não quis dizer que todos foram resgatados da massa da perdição, mas sim que pela sua morte ofereceu a seu Eterno Pai o preço de um valor infinito capaz de remir a todos. Mas por que não quis Deus resgatar da massa da perdição (senão) os Predestinados? A resposta é fácil, porque não quis salvar a todos. Nos Predestinados quis fazer resplandecer a riqueza da sua glória e misericórdia; nos réprobos a severidade e rigor da sua justiça....

*(Ao Espírito Santo e às almas simples que respeitam a sua voz divina, Lisboa, 1823, p.15-20)*